

## ESTUDOS TRADUTIVOS: UMA REFLEXÃO DIACRÓNICA

Eduarda Maria Ferreira da Mota

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto

Portugal

[emota@iscap.ipp.pt](mailto:emota@iscap.ipp.pt)

### Resumo

Este artigo consiste numa reflexão sobre os fundamentos teóricos dos estudos tradutivos e a sua evolução nas últimas décadas. Começa-se pela apresentação do mapa dos estudos tradutivos de Holmes, analisando-se de seguida as diferentes correntes e conceitos dos estudos tradutivos, tais como polissistema, normas, *Skopostheorie*, *cultural turn*, metáfora do canibalismo, *translation turn* e paratradução.

### Abstract

This article studies the fundamentals and evolution of translation studies in the last decades. It begins by presenting *Holmes' basic map of Translation Studies* and continues analysing the different branches and concepts of Translation Studies, such as polysystem, translation norms, *Skopostheorie*, cultural turn, cannibalistic metaphor, translation turn and paratranslation.

**Palavras-chave:** Teoria da Tradução; Polissistema; Norma; Paratradução

**Key-words:** Translation Theory; Polysystem; Norm, Paratranslation

Desde sempre que os estudiosos da tradução reflectem sobre o acto tradutivo descrevendo-o, definindo-o e tentando determinar a sua natureza. Pode afirmar-se que textos de todos os tipos têm vindo a ser traduzidos ao longo da nossa civilização ou, como muitos autores gostam de referir, desde a história bíblica da Torre de Babel descrita no Velho Testamento. Mas nas suas primeiras reflexões a teoria da tradução limitava-se às grandes obras clássicas, à tradução da Bíblia, assim como a obras literárias famosas, particularmente poesia e drama, época que Santoyo<sup>1</sup> (1987) designa como período de reflexão seguido do período de teorização (princípios do século XIX até aos nossos dias). Vai ser no século XX com o surgimento da linguística que a tradução vai conhecer um grande desenvolvimento e mais tarde ganhar autonomia como disciplina. Durante as décadas de 50 e 60 a tradução tomou da linguística os conceitos que esta foi desenvolvendo, começando pelo conceito de língua, considerado como um sistema ou estrutura onde os vários elementos da língua eram isolados e considerados separadamente. A teoria tradutiva toma este conceito de estrutura e aplica-o ao conceito de equivalência tradutiva, nascendo assim o denominado equivalente estrutural. Note-se que a definição do conceito de equivalência tinha-se tornado nesta época o objectivo primeiro dos estudos tradutivos. Este conceito de equivalente estrutural baseia-se em princípios gramaticais e foi influenciado também pela gramática de Chomsky (1965) (estudo da sintaxe e de estruturas de superfície e profundas). Eugene Nida é um dos autores que desenvolve e aplica este conceito à tradução, escrevendo o primeiro livro que tem como objectivo dar cientificidade aos estudos tradutivos, como o próprio título do livro patenteia *Towards a Science of Translating, with Special Reference to Principles and Procedures involved in Bible Translating* (1964).

Como lembra Snell-Hornby (2006), na época que se segue à Segunda Guerra Mundial, a tradução está dividida em dois campos; enquanto a tradução de textos não

---

<sup>1</sup>Santoyo (1987:7ss.) divide a história da tradução em quatro períodos: 1) tradução oral, que se inicia com o uso da linguagem e onde os primeiros testemunhos históricos mostram o intérprete como intermediário inevitável em qualquer situação de comunicação interlinguística; 2) tradução escrita, época posterior à invenção da escrita, onde com a escrita e a alfabetização a tradução se estendeu a todos os povos e línguas do planeta; 3) reflexão, que começa com a figura de Cícero (106ac - 43ac.) e perdura até ao tempo presente, analisando-se tanto a interpretação como a tradução escrita; 4) teorização, período de questionamento teórico e hermenêutico, no qual a questão da natureza da tradução é inserida na questão mais abrangente das teorias da língua e da mente.

literários é vista como pertencendo a uma subdivisão da linguística, a tradução de textos literários é considerada como ramo da literatura comparada. No entanto, houve sempre autores a reconciliarem estas duas posições como é o caso de Roman Jakobson, autor da Escola de Praga e também do Formalismo Russo, que desenvolve o conceito de literatura como sistema de signos, estudando a natureza da linguagem poética e os problemas da tradução. No seu conhecido artigo “On Linguistic Aspects of Translation” (1959) Jakobson apresenta um conceito muito abrangente de tradução num modelo tripartido: tradução intralingual, interpretação de signos verbais por meio de outros signos verbais dentro da mesma língua; tradução interlingual<sup>2</sup>, ou tradução propriamente dita, uma interpretação de signos verbais por meio de outra língua; tradução semiótica, uma interpretação de signos verbais por meio de signos do sistema não verbal. (Jakobson 2000:114).

Jakobson entende assim toda a interpretação como tradução e atribui à tradução, entendida neste sentido lato e englobando estes três tipos, um papel central na linguística, podendo-se acrescentar que a sua perspectiva semiótica ultrapassa a língua no sentido verbal. Nas décadas seguintes, a linguística conhece um grande desenvolvimento e subdivide-se em diferentes ramos como sejam a semântica, a pragmática, a psicolinguística, a sociolinguística, entre outros ramos do saber, cujos contributos passam também a ser estudados e aprofundados nos estudos tradutivos. O equivalente tradutivo começa, como se disse, por ser entendido como estrutural para depois ganhar novas dimensões como sejam a dimensão semântica, pragmática, entre outras, e acabar, por fim, por ser banido pelos teóricos por se começar a considerar que a base para uma teoria tradutiva não podia assentar na procura e definição de um equivalente ideal, pois este não existiria. Começa então a ser substituído por novos conceitos que têm por base preocupações de carácter cultural, político, ideológico, interdisciplinar e até transdisciplinar, enquanto ao mesmo tempo se assiste a uma emancipação da tradução tanto da linguística como da literatura comparada, tornando-se uma disciplina autónoma.

---

<sup>2</sup>A distinção entre tradução intralingual e interlingual é hoje fundamental em áreas como a legendagem televisiva para surdos e a tradução semiótica é um elemento integrante na transferência multimedial e multimodal, quer em *software* de localização, quer em tradução para o palco e cinema. (Snell-Hornby 2006:21).

Analisa-se de seguida com maior pormenor a evolução dos estudos tradutivos desde a década de 70 até aos nossos dias, explanando várias teorias e conceitos, como sejam a proposta de um mapa dos estudos tradutivos, Holmes (1972) retomado e adaptado por Toury (1995/2012), a teoria dos polissistemas, Even-Zohar (1978,1990), o conceito de normas Toury (1978), e também o conceito de Paratradução, Yuste Frías (2009) e Garrido Vilariño (2004), bem como as correntes ligadas a estes conceitos como sejam *Descriptive Translation Studies* (DTS) e Escola da Manipulação, Hermans (1985), lembrando ainda de forma menos exaustiva o chamado *cultural turn*, Bassnett e Lefevere (1990), *Skopos*theorie, Reiss e Vermeer (1984) e a abordagem canibalística Arrojo (1986)<sup>3</sup>.

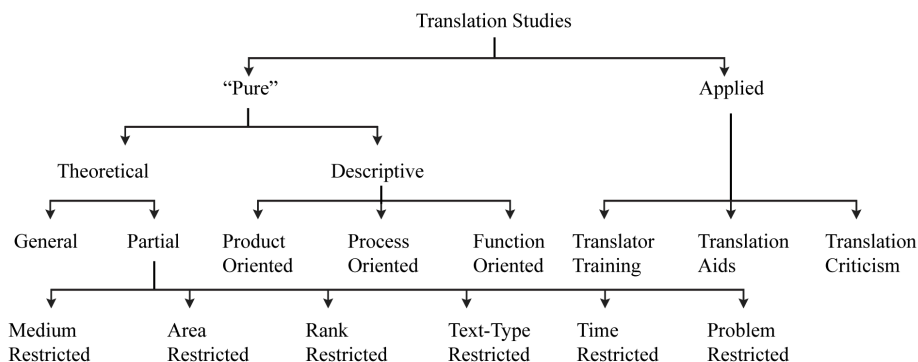
No artigo intitulado “The Name and Nature of Translation Studies”, James Holmes (1972) propôs o termo *translation studies*, como termo *standard* e aglutinador da disciplina no seu todo, termo que foi sendo adoptado e que é hoje usado para designar a disciplina académica englobando o estudo da tradução literária e não literária, a interpretação nas suas variadas formas, a investigação nesta área e também as actividades pedagógicas, como a formação de tradutores, entre outras.

James Holmes foi o primeiro a desenhar um mapa dos Estudos Tradutivos (ET) distribuindo as várias áreas da disciplina como se pode ver na figura.

A disciplina é dividida em duas grandes áreas: 1) Estudos tradutivos puros e 2) Estudos tradutivos aplicados. Os estudos tradutivos puros estão subdivididos em teóricos e descritivos, sendo que os primeiros têm como objectivo desenvolver princípios para descrever e explicar os fenómenos enquanto os segundos, descritivos, têm como objectivo descrever os fenómenos tradutivos ao mesmo tempo que estes ocorrem. Como se pode ver na figura, Holmes subdivide ainda os estudos descritivos em três tipos: 1) *product-oriented*, *process oriented* e *function oriented*. O primeiro, como a designação indica, centra o estudo no produto traduzido e ocupa-se da sua descrição; o segundo investiga a tradução em termos dos processos mentais<sup>2</sup> que ocorrem durante a actividade tradutiva e o terceiro estuda a função que as traduções desempenham nas culturas receptoras.

---

<sup>3</sup>Um estudo relevante nesta área é a investigação de Roger Bell (1991), onde se faz a ligação da linguística com a psicologia para tentar perceber o processo tradutivo na mente do tradutor, estudando-se os aspectos psicológicos da percepção, o modo como se processa a informação e ainda as características da memória. A partir destas análises, o autor constrói um modelo do processo tradutivo, contendo três etapas: o processamento sintáctico, o processamento semântico e



Mapa dos Estudos Tradutivos (Holmes 1972 in Toury 1995:10)

A proposta de Holmes começa a ter maior impacto quando Gideon Toury nos seus livros *In Search of a Theory of Translation* (1980) e mais tarde em *Descriptive Translation Studies* (1995/2012) a retoma e a apresenta com algumas modificações. Toury separa a formação de tradutores e a crítica tradutiva dos estudos tradutivos aplicados, preferindo considerá-los como extensões da disciplina:

In contrast to the two 'Pure' branches of Translation Studies, which are theoretical and descriptive, respectively, its applied extensions cannot be anything but prescriptive; even if they are brought closer to reality, as is the aspiration here, and even if their pluralism and tolerance are enhanced. (Toury 1995:19).

Toury influenciou ainda os estudos tradutivos ao propor o conceito de norma que desenvolveu por influência da teoria dos polissistemas apresentada pelo seu compatriota Even-Zohar e que ele próprio também adoptou. Explana-se de seguida esta teoria polissistémica para se voltar depois a Toury e às normas por este propostas.

A teoria polissistémica desenvolveu-se em artigos durante a década de 70 editados em *Papers in Historical Poetics* (1978) por Itamar Even-Zohar. Este autor (1978, 1979, 1981)

---

o processamento pragmático e onde estão também representados os tipos de conhecimentos e capacidades que o tradutor deve ter.

baseia-se no formalismo russo e no estruturalismo checo da Escola de Praga para apresentar a teoria dos polissistemas. Este termo representa a agregação de sistemas literários, desde a poesia até à literatura infantil, que coexistem em qualquer cultura. A presente teoria nasce no âmbito dos estudos de tradução de textos literários e concebe a literatura como um sistema complexo, dinâmico e heterogéneo constituído por numerosos subsistemas e onde em cada fase da sua evolução coexistem várias tendências diferentes, agrupando diferentes sistemas literários de diferentes níveis.

Even-Zohar afirma na sua teoria que este termo é mais do que uma convenção terminológica; o seu objectivo é explicitar a concepção do sistema como algo dinâmico e heterogéneo que se opõe à perspectiva sincrónica, pondo o acento na multiplicidade de intersecções e na complexidade da estruturação. Este polissistema está ainda relacionado com outras estruturas socioeconómicas e ideológicas da sociedade e, assim, importa analisar não só a produção textual mas também a sua recepção no contexto histórico, a sua posição no sistema literário e a sua relação com as outras literaturas.

O autor utiliza uma série de oposições binárias para ilustrar o modo como este polissistema funciona, que Albir (2001:563) resume do seguinte modo: Canonizado vs. não canonizado, que significa ser aceite ou não pelas regras vigentes, pela sociedade e pela cultura dominante; Central vs. Periférico, o central é constituído pelo núcleo central do polissistema, mais prestigiado no cânone, entendido aqui como conjunto de regras que formam a produção textual, tendo o central naturalmente mais poder do que o periférico; Primário vs. Secundário. O primário é inovador e o secundário é conservador. Neste sentido, as actividades primárias geram, ampliam e reestruturam o reportório enquanto as secundárias consolidam e fossilizam o reportório existente.

Segundo Even-Zohar a tradução pode ter uma função primária, criadora de novos géneros e estilos e também uma função secundária, que reafirma, perpetua géneros e estilos existentes. A função primária dá-se em literaturas jovens, com sistemas literários débeis onde a tradução tem um papel preponderante. No caso de literaturas de forte tradição, a tradução tem um papel mais marginal e só em momentos de crise é que a tradução se pode converter em actividade primária.

O papel da tradução fica assim dividido, já que nas culturas “fracas” a tradução tende a exercer um papel forte e a estar localizada no centro do sistema ao passo que nas

culturas “fortes” as traduções tendem a ter um papel secundário e a estar marginalizadas relativamente ao centro.

Mais tarde Gentzler (1996:119ss), entre outros, vai criticar a hipótese polissistémica quanto ao papel das traduções nas culturas ditas “fortes” defendendo, ao contrário de Even-Zohar, que as traduções mesmo em sistemas culturais fortes podem introduzir novas ideias e novos instrumentos literários no sistema<sup>4</sup>.

De qualquer modo, esta teoria desenvolvida por Even-Zohar e também Toury tem tido grandes repercussões em estudos em todo o mundo e principalmente no estudo de literaturas de países em desenvolvimento ou em modificações profundas e também em países emergentes. Destaca-se, por exemplo, a importância dos textos traduzidos em Israel no pós-guerra, onde não existia ainda um sistema literário consolidado ou também o caso do Canadá caracterizado por Gentzler (1996:118) do seguinte modo: “The role translations have played in forming identities and subverting established institutions has been well-documented by a group of feminist translation scholars in Montreal and Quebec.” (Gentzler 1996:118).

É seguindo esta perspectiva de conceber a tradução como transferência cultural, de estudar a sua importância na cultura e no polissistema receptor e de focar a análise tradutiva em dados descritivos que Toury vai apresentar o conceito de normas em 1995. Segundo este autor as normas guiam a tradução e pressupõem a existência de uma relação funcional e dinâmica de toda a tradução com o seu original no âmbito de uma situação sociocultural específica.

Toury toma da sociologia e da psicologia social o conceito de norma entendido como a formulação dos valores gerais ou ideias partilhadas por uma comunidade numa situação específica e aplica este conceito à tradução, entendido aqui como o conjunto de valores partilhados pelos utilizadores e que se fixam em comportamentos específicos durante o processo tradutivo. Para identificar as normas de comportamento tradutivo estuda-se um corpus de traduções autênticas e identificam-se padrões regulares de tradução, incluindo o tipo de estratégias que são preferencialmente escolhidas pelo tradutor. As normas são assim entendidas como uma categoria para a análise descritiva

---

<sup>4</sup>Gentzler para provar o seu ponto de vista apresenta como exemplo o *haiku* japonês introduzido no sistema literário em Inglaterra, via tradução, por Ezra Pound. (Gentzler 1996:120).

dos fenómenos tradutores. Toury avança com três tipos de normas tradutivas: norma inicial, normas preliminares e normas operacionais.

A norma inicial concerne a escolha que o tradutor faz antes de começar o seu trabalho, “a translator may subject him-/herself either to the original text, with the norms it has realized, or to the norms active in the target culture.” (Toury 1995:56).

O tradutor resolve assim se vai ou não reger-se pelas normas da língua de chegada, determinando-se dois conceitos chave na teoria do polissistema: *adequação*, que significa seguir as normas do texto de partida, e *aceitabilidade*, que, ao contrário, significa seguir as normas da cultura receptora (usa-se neste âmbito a noção de polar, segundo o pólo a partir do qual se orienta a tradução).

As normas preliminares têm a ver com as políticas de tradução, com os aspectos prévios ao acto tradutivo e que estão dependentes das editoras. Dentro das normas preliminares distinguem-se aquelas que estão ligadas a uma política de tradução definida (o que se traduz, género, escola, etc.) e, ainda, as relacionadas com *directness of translation*, que têm a ver com o grau de tolerância para com as traduções indirectas.

As normas operativas são as que regulam as decisões que se tomam durante o processo tradutivo e dividem-se em matriciais e linguístico-textuais; as matriciais determinam a macroestrutura e decidem se se mantém o texto integral ou se se segmenta de outra forma (a divisão do texto em capítulos, parágrafos, etc) e as linguístico-textuais concernem a selecção do material linguístico específico para formular o texto de chegada ou para substituir o material linguístico do texto de partida.

As normas podem ser estudadas nos próprios textos traduzidos, como também nas fontes extra-textuais<sup>5</sup>, como sejam os aspectos epi- e peritradutivos.

Rabadán (1991) acrescenta ainda outro tipo de normas que designa como as normas de recepção que define como: “La que regula la actuación de traductor según el tipo de *audiência* que se presume va a tener el TM<sup>6</sup>.” (p.295). Estas normas de recepção

---

<sup>5</sup>Vid. Garrido (2004), que aplica o conceito de paratexto de Genette (1987), juntamente com o conceito de ideologia de Althusser (1975), aos estudos tradutivos e onde fica patente a importância destes aspectos extra-textuais como portadores de fortes cargas ideológicas. Volta-se a referir este estudo mais adiante a propósito da génese do conceito de paratradução.

<sup>6</sup> TM, texto meta.



regulam a actuação do tradutor segundo o tipo de receptor e estão presentes em todas as fases do processo tradutivo.

O conceito de norma, como se referiu atrás, influenciou os estudos tradutivos durante as décadas de 80 e 90 e esteve na base de muitos estudos de investigação nesta área. É também nestas décadas que se começa a fazer sentir uma orientação mais ideológica e uma investigação que começa a estudar o modo como a ideologia se reflecte na tradução, surgindo o conceito de manipulação e a escola que ficou conhecida pelo mesmo nome e de que se fala mais adiante. Segundo Genzler assiste-se a um distanciamento do polissistema que se considera demasiado formalista e restritivo e adopta-se um modelo mais cultural, centrado no papel das instituições e do poder dentro de uma cultura. (Genzler 1993:139).

Voltando ao termo manipulação, este surgiu a partir do livro de Hermans (1985) *The Manipulation of Literature* e esta corrente representa um ponto de vista da tradução literária que foca a manipulação na tradução e uma orientação para a língua e cultura de chegada. Outras denominações dentro desta corrente e seguindo pressupostos similares são os Estudos Descritivos de Tradução e a Teoria dos Polissistemas que se expôs atrás. Como escreve Albir (2001:558ss.) existem duas tendências principais com localizações geográficas diferentes: o grupo Tel Aviv, constituído por Even-Zohar e Gideon Toury, que apresenta a teoria dos polissistemas, e o grupo europeu-norte-americano, de que fazem parte Holmes, Hermans, Lambert, Lefevere, Bassnett, Van den Broeck, Tymoczko, etc., dos Países Baixos, que alguns denominam *Translation Studies*. Os dois grupos têm uma perspectiva descritiva e funcional da tradução e ambos defendem uma mudança de focagem na análise, sendo que é o texto de chegada que passa a ser o centro do estudo tradutivo. Albir salienta que a denominação proposta por Holmes de Estudos Tradutivos é também compartilhada pela maioria dos estudiosos de tradução e que os teóricos da tradução não se confinam a estes supracitados, já que igualmente noutros países existem trabalhos valiosos neste campo tradutivo.

Hermans também salienta que esta nova perspectiva descritiva e sistémica resume pressupostos coincidentes nas várias escolas e que esta corrente começou nos anos 60, desenvolveu-se nos anos 70, estendeu-se na década de 80 e consolidou-se nos anos 90. (Hermans 1999:9). Como resume Snell-Horby (2006:49) as palavras-chave são descritivo,

orientado para o texto alvo, funcional e sistémico em oposição aos dogmas anteriores: prescritivo, orientado para o texto-fonte, linguístico e atomístico.

Como se focou atrás, no final dos anos 80 algumas posições teóricas afastam-se da teoria dos polissistemas e adoptam uma orientação mais ideológica, como é o caso da teoria exposta em *Translation, History and Culture*, de Susan Bassnett e André Lefevere (1990). Estes autores influenciados pelos estudos culturais centram-se nos factores ideológicos e institucionais e estudam a relação entre língua e cultura em disciplinas como a antropologia e a sociolinguística, entre outras. Como a tradução envolve para além de duas línguas também duas culturas diferentes, os estudos mencionados atrás, desenvolvidos por outras disciplinas começam a trazer contributos para um repensar de aspectos tradutivos<sup>7</sup>. Esta focagem no estudo da relação entre tradução e cultura ficou conhecida como *cultural turn*; é sentido um novo funcionalismo na teoria da tradução, uma preocupação com os efeitos sociais das traduções e com as suas consequências éticas e políticas.

Chama-se a atenção para o papel que as traduções tiveram na criação de movimentos sociais e políticos e como nesta década apareceram uma série de estudos históricos que mostram como a tradução pode ter o poder de influenciar a formação de identidades, exemplos são as teorias pós-coloniais e os estudos de género. Antes de se apresentar sucintamente estas correntes lembra-se de seguida a *Skopostheorie* de Reiss e Vermeer, já que esta corrente defende na mesma época pressupostos similares, mas não teve num primeiro momento a mesma projecção.

No livro *Grundlegung einer Allgemeinen Translationstheorie* (1984), Hans Vermeer e Katharina Reiss apresentam, como o título indica, os fundamentos da sua teoria da tradução. É de salientar que no seu modelo a língua não é um sistema autónomo, mas faz parte integrante de uma cultura salientando-se o papel do tradutor e da sua capacidade bilingual e bicultural. O texto não é um elemento estático e isolado, estando dependente da recepção pelo leitor e dependente também da situação extra-linguística em que está inserido.

---

<sup>7</sup>Os aspectos culturais sempre foram equacionados na teoria tradutiva por vários autores, como sejam, Nida (1964), Catford (1965), Newmark (1988a,1988b), Mounin (1963), entre outros, mas segundo Bassnett (1998:131-132) estes aspectos eram ainda pouco sistematizados e não tinham em conta a perspectiva histórica.

A regra principal para uma teoria da tradução é a *Skoposregel*: uma acção é determinada pelo seu objectivo. “Was man tut, ist sekundär im Hinblick auf den Zweck des Tuns und seine Erreichung.” (Reiss e Vermeer 1984:98).

Segundo os autores, o objectivo da tradução é muitas vezes diferente do objectivo do texto de partida e, nesse caso deve traduzir-se de forma adequada:

Adäquatheit bei der Übersetzung eines Ausgangstextes (bzw. elements) bezeichne die Relation zwischen Ziel – und Ausgangstext bei konsequenter Beachtung eines Zweckes (Skopos), den man mit dem Translationsprozeß verfolgt. Man übersetzt adäquat, wenn man die Zeichenwahl in der Zielsprache konsequent dem Zweck der Übersetzung unterordnet. (p.84).

Consideram que na tradução adequada há uma relação intratextual, que entendem como uma relação de coerência entre o objectivo da tradução e o texto de chegada. Defendem ainda que o tradutor, depois de ter definido o objectivo da tradução, é livre para alterar o texto de partida, aspecto que tem sido considerado como sendo demasiado radical e até em alguns casos abusivo.

Esta tendência da nossa época, orientada pela investigação em termos culturais e ideológicos, está também presente no trabalho de Lawrence Venuti (2000) que chama a atenção para o modo como o papel do tradutor tem vindo a ser menorizado, criticando a lei da autoria e de *copyright*, e, censurando também a prevalência de estratégias tradutivas que tornam a leitura fácil e produzem a ilusão de transparência:

(...) enabling a translated text to pass for the original and thereby rendering the translator invisible. Fluency masks a domestication of the foreign text that is appropriative and potentially imperialistic, putting the foreign to domestic uses which, in British and American cultures, extend the global hegemony of English. (Venuti 2000:341).

Esta tendência fez com que a tradução passasse também ela a ser avaliada pelo seu grau de transparência. A invisibilidade do tradutor é determinada pelo estatuto do autor do texto original que é, segundo o autor, um conceito individualista de autoria. Este conceito

faz com que a tradução seja vista como uma representação de segunda ordem e, para iludir esse seu estatuto de segunda ordem, esta deve usar um discurso transparente para que o texto traduzido possa ser tomado como sendo o original.

Segundo Venuti este processo pode ser contrariado através do processo de *foreignizing translation*. Trata-se de registar as diferenças do texto estrangeiro<sup>8</sup>:

(...) innovative translating that samples the dialects, registers, and styles already available in the translating language to create a discourse heterogeneity which is defamiliarizing, but intelligible to different constituencies in the translating culture. (2000:341).

Para este autor o conceito chave em tradução é a autonomia do texto traduzido, “(...) the textual features and operations or strategies that distinguish it from the foreign text and from texts initially written in the translating language.” (Venuti 2000:5).

Estima, deste modo, que traduzir é uma forma independente de escrita, distinta do texto estrangeiro e de textos escritos originalmente na língua para a qual se está a traduzir. “Translating is seen as enacting its own processes of signification which answer to different linguistic and cultural contexts.” (2000:215).

Esta posição está assim também consonante com a tendência dos ET, que se expôs, evidenciando a importância do estudo do texto traduzido *per se*.

Os conceitos de ideologia, poder e cultura facilitaram a criação de teorias pós-estruturalistas de tradução que consideram o acto de traduzir como um acto criativo e que questionam a supremacia do original. Esta supremacia do original tinha também sido posta em causa por Derrida (1985), que nas suas exposições teóricas desafia as noções de texto original e tradução, bem como a dependência de um texto relativamente a outro. Segundo este autor, um texto tem muitos significados possíveis, que se complementam e às vezes se contradizem, considerando que cada texto é uma tradução de outros textos e que o original está sempre em dívida com a tradução, sendo que o texto traduzido é tão

---

<sup>8</sup>É um reviver das teorias hermenêuticas preconizadas no século XIX pelo movimento romântico alemão e pelo filósofo e teólogo Schleiermacher, mas onde as estratégias de estrangeirar eram muito nacionalistas, pretendendo-se através destas fortificar a língua e cultura alemãs contra a invasão da cultura francesa durante as guerras napoleónicas.

importante ou mais importante que o original, já que o aumenta e modifica. Defende que é através da tradução que a obra sobrevive notando-se aqui a influência dos trabalhos de Walter Benjamin que no seu artigo “Die Aufgabe des Übersetzers” (1923), afirma “(...) so ist es die Übersetzung, welche am ewigen Fortleben der Werke und am unendlichen Aufleben der Sprachen sich entzündet ...” (p: XI).

A partir de todas estas influências nascem investigações tradutivas em novos campos, como sejam os estudos pós-colonialistas e os estudos de género, que se elencou atrás.

Os primeiros denominam-se pós-colonialistas como reacção ao discurso colonial, pretendendo-se contrariar os efeitos negativos do colonialismo e das suas consequências; estudam-se os problemas de identidade de um grupo social e de como estes se reflectem na língua, na cultura, nas leis, na educação, na política, etc. Robinson (1997) assinala que a tradução pode desempenhar três papéis (sequenciais e que se sobrepõem) nos estudos pós-coloniais:

(...) 1) as a channel of colonization, parallel to and connected with education and the overt and covert control of markets and institutions; 2) as a lightning-rod for cultural inequalities continuing after the collapse of colonialism; and 3) as a channel of decolonization. (p.31).

O conceito chave no discurso pós-colonial é o conceito de *hibridização*, que afecta todos os textos originais, dificultando a sua tradução e pondo em relevo a visibilidade do tradutor:

Hybridization: The process by which races, ethnic groups, cultures, and languages are mixed with others. Considered harmful by purists, this process is embraced by most postcolonial theorists as an enrichment of human society.(Robinson 1997:118).

A tradução pós-colonial inscreve-se nas teorias descritivas da tradução ao descrever os mecanismos manipuladores na passagem do texto de uma cultura para a outra.

Como se focou atrás, também os estudos de género correspondem a uma das áreas influenciadas pelos novos pressupostos culturais nos ET. Os estudos tradutivos numa perspectiva feminista pretendem mostrar os aspectos sexistas e discriminatórios da semântica, gramática, metáforas, etc. da língua patriarcal, que predominam na sociedade. Em termos de tradução estes estudos também se inserem numa nova forma de ver a tradução, isto é, a tradução como acto interpretativo afastado da concepção tradicional que privilegiava a equivalência linguística. Assim, este movimento rejeita a invisibilidade da tradutora e considera as relações entre os géneros (feminino, masculino) como construções culturais na literatura, na história e na linguagem.

A investigação tradutiva é feita simultaneamente em vários países e continentes influenciando-se mutuamente, mesmo que nem sempre essa influência aconteça de imediato, como é o caso da abordagem canibalística que no Brasil a autora Rosemary Arrojo (1986) traz para a discussão tradutiva. No livro *Oficina de Tradução* (1986), a autora retoma a questão do original sagrado e defende que a tradução se liberte dos grilhões do passado, isto é, do domínio da cultura europeia. Esta posição é influenciada pelo Movimento Antropofágico Brasileiro 1920<sup>9</sup>, que, como forma de resistência política, defende as raízes indígenas que tinham sido reprimidas pela influência da cultura europeia. Já nos anos 60, os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, dois poetas e tradutores brasileiros, tomaram estas ideias no seu trabalho com a língua, usando o canibalismo como metáfora, não negando ou ignorando o “outro”, preferindo antes absorvê-lo para mais tarde o reproduzir, mas já enriquecido com elementos indígenas.

A discussão centrou-se aqui na tensão entre a autoridade do original (cultura do colonizador) e a autonomia da tradução (cultura periférica do colonizado). Esta teoria do canibalismo vem trazer uma nova leitura do colonialismo, pondo em causa a hierarquia de poder entre original e tradução, defendendo-se a ideia de que a leitura de um texto varia segundo os valores culturais, segundo o tempo e o espaço, sendo o texto o resultado de uma interpretação de uma leitura individual que produz sempre um novo significado. Esta metáfora do canibalismo é reconhecida como constituindo um novo contributo para a

---

<sup>9</sup>Oswaldo de Andrade, poeta do movimento modernista brasileiro, publica o “Manifesto Antropófago” (1928) na *Revista Antropofagia*, onde apresenta a imagem do canibal que devora os seus inimigos para lhes ficar com a alma.

teoria da tradução por autores europeus como Bassnett (1998: 128ss) ou Gentzler (1993:193ss).

Pode constatar-se que o conceito de tradução se foi sempre alargando, ganhando um carácter multidisciplinar e actualmente até transdisciplinar como defende o grupo de investigadores da Universidade de Vigo que avança com o conceito de Paratradução:

(...) le traducteur, sujet traduisant toute la textualité d'une comande quelconque de traduction, devrait s'occuper de traduire, dans toutes les circonstances, et le texte et le paratexte. Texte et paratexte: traduction et paratraduction! (Yuste Frias 2010:288).

Toma-se aqui o conceito de paratexto proposto por Genette (1982, 1987) definido como um conjunto híbrido de prática e de discursos que pode servir de apresentação, de enquadramento, de interrupção ou mesmo de fechamento do texto, constituindo uma zona não só de transição mas de transacção. (Lamas *et al.* 2000: 361). Genette distingue, dentro do conceito de paratexto, o peritexto e o epitexto. O peritexto é constituído pelos elementos que fazem parte fisicamente da obra, como sejam, título, subtítulo, intertítulos, prólogo, epílogo, as notas, as dedicatórias, as advertências, etc., e ainda os aspectos gráficos não verbais como a escolha ortotipográfica (Garrido 2004:34). O epitexto é exterior à obra, podendo-se distinguir entre o epitexto público e o epitexto editorial, como sejam entrevistas, colóquios, debates, autocomentários posteriores ou ainda epitexto privado como correspondência, diários, etc. (Lamas *et al.* 2000: 361).

Voltando à ideia inicial de Yuste Frías, citada atrás, se os paratextos são indissociáveis dos textos também a paratradução é inerente à tradução, pois é esta que reflecte o espaço e o tempo de toda a tradução, “(...) qui entoure, envelope, prolongue, introduit et presente la traduction proprement dite en assurant sa présence au monde, sa réception et sa consommation...” (p.291-292).

O conceito de paratradução teve a sua génese durante a investigação levada a cabo por Garrido (2004) que estudou as diferentes traduções da obra *Se questo è un uomo* de Primo Levi comparando, entre outros, o visual das diferentes produções verbais, icónicas, verbo-icónicas e materiais dos paratextos editados, investigando as implicações ideológicas, políticas, sociais e culturais das manipulações verificadas.

Em trabalhos recentes Garrido (2010 e 2011) enumera alguns dos objectivos da paratradução tais como superar o conceito de tradução como operação interlinguística, mecânica e puramente verbal; olhar/analisar a tradução como fenómeno holístico e, conseqüentemente, chegar ao conceito de Paratradução; entender o conceito de Paratradução de uma forma eminentemente instrumental que leva a inferir a Filosofia e a Ideologia da transmissão e/ou mediação de um produto cultural; analisar os fenómenos paratradutivos (epitradutivos e peritradutivos) presentes na transmissão e/ou mediação de textos; ler e interpretar nas margens da tradução para desvendar a ideologia de/na tradução e daí deduzir os comportamentos tradutivos dos agentes intervenientes. (Garrido 2010:6-7).

Este autor lembra ainda que a paratradução tem como objectivo situar-se numa das quatro formas de modernidade propostas por Nussli (1995), uma modernidade crítica ou estética num tempo em que as certezas históricas estão abaladas (Garrido (2011:65), definindo paratradução do seguinte modo:

(...) we could define ‘paratranslation’ as a concept that can be used to describe the intentional cognitive process (ideological forms and constructions) behind the mechanisms of cultural transfer. (2011:67).

Também Baltrusch (2005, 2006, 2007), autor pertencente a esta corrente, lembra que no nosso mundo globalizado desapareceram centros e periferias e que a epistemologia e a hermenêutica do séc. XXI devem ser reconfiguradas; as ideias sobre origem e original perderam validade e os conceitos de *texto*, *autoria*, *identidade* estão hoje também a precisar de uma revisão. Procura-se na língua uma chave para o entendimento da realidade, entendimento que esta não pode dar: “... a língua é um sistema de representação criativo mas altamente impreciso, útil mas sempre sujeito a um constante processo de disseminações e reescritas distorcionadoras.” (Baltrusch 2007-2009).

A língua não deve assim ser pensada como contendo o *agens* da evolução cultural e a sua função nas sociedades culturais ocidentais, sobretudo se for pensada a partir das noções de *texto*, de *autoria* e da relação *identidade-alteridade*, precisa ser desmistificada de raiz. Poderíamos descrevê-la melhor como uma estrutura principalmente tradutiva – de



fenómenos, informações, propriedades culturais, criatividade, etc. – enfocando-a numa perspectiva mais funcionalista do que idealista ou culturalista, mais diversificadora do que centralizadora, mais pluralista do que preponderantemente racionalista, procurando evitar, na medida das nossas limitações, as respectivas instrumentalizações ideológicas. (Baltrusch 2007-2009).

Esta perspectiva da língua leva a que o autor, seguindo Nuss (1995:33), afirme “(...) cómpreque xa non concibamos a tradución a partir da linguaxe mais a linguaxe a partir da tradución” (2005:38-39) e ainda que concorde com Nuss quando este afirma, que assim como presenciamos um *linguistic turn* poderemos estar agora perante um *translation turn*:

A razão principal reside em que, no mundo poliglota e policultural contemporâneo, a tradução e a tradutologia adquiriram uma dimensão cada vez mais política, est/ética, social e, em última instância, transdisciplinar. É possível argumentar uma função paradigmática da tradução tanto na epistemé da modernidade como na epistemologia em geral (cf. Nuss 1998). (Baltrusch 2008:18).

É concedendo à tradução uma dimensão transdisciplinar e transcultural e um papel preponderante na história das ideias e ainda entendendo-se a própria cultura como uma dinâmica tradutiva que este grupo de investigadores considera, como se focou antes, estarmos a assistir a um *translation turn*. Este é compreendido como uma descrição holística de todas as viragens paradigmáticas na história das ideias na modernidade. (Baltrusch 2007-2009).

No mesmo ano, Baltrusch no artigo “É tudo tradução? Elementos socioculturais, neurocientíficos e meméticos para uma teoria holística da Paratradução” (2006) vai mais longe avançando, como o próprio autor refere, para uma complementação dos conceitos, indo agora a Paratradução a campos como a sociologia, a neurociência e a sociobiologia (memética). O objectivo sempre presente é a construção de uma teoria holística da paratradução, afirmando-se, que a tarefa da tradução e interpretação do nosso tempo consiste, mais do que nunca, em transcrever de forma crítica e eticamente comprometida as tradições e memórias colectivas. (Baltrusch 2006:25).

## Referências bibliográficas

- ALBIR, Amparo Hurtado. (2001) *Traducción y Traductología*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- ARROJO, Rosemary (1986) *Oficina de tradução. A teoria na prática*. São Paulo: Editora Ática.
- BALTRUSCH, Burghard (2005) “Mudança posue tudo...” in *Grial, Revista Galega de Cultura*, nº165, 2005, Tomo XLIII, Vigo: Galaxia, pp.38-46.
- BALTRUSCH, Burghard (2006) “É todo tradución? – Elementos socioculturais, neurocientíficos e meméticos para unha teoría holística da para/tradución” in *Viceversa, Revista Galega de Tradução*, nº 12, 2006, pp. 9-38.
- BALTRUSCH, Burghard (2007-2009) “É todo tradución? Elementos de filosofía e crítica para unha teoría holística da Para/tradución”, Seminário de “Tradución & Paratradución: Modos culturais e políticos da tradución”, inserido no Programa de Doutoramento em Tradução e Paratradução, Biénio 2007-2009, Universidade de Vigo.
- BALTRUSCH, Burghard (2008) “Elementos para uma Crítica da Tradução e Paratradução - Teoria e Prática no caso das Traduções Culturais Modernistas”, in *TradTerm, Revista Interdepartamental de Tradução e Terminologia*, nº 14, 2008, São Paulo: USP, pp.15-50.
- BASSNETT, Susan (1998) “The Translation Turn in Cultural Studies”, in Susan Bassnett e André Lefevere, (1998) *Constructing Cultures, Essays on Literary Translation*. Clevedon: Multilingual Matters, pp.123-140.
- BASSNETT, S. e Lefevere, A. (1990) (eds.) *Translation, History and Culture*. London/NewYork: Pinter Publishers.
- BENJAMIN, Walter (1923) “Die Aufgabe des Übersetzers”, in Charles Baudelaire (1923) *Tableaux Parisiens*. Deutsche Übertragung mit einem Vorwort über die Aufgabe des Übersetzers von Walter Benjamin, Heidelberg: Richard Weissbach, pp.VII-XVII.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1978) *Papers in Historical Poetics*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1979) “Polysystem Theory”, in *Poetics Today*, vol. 1, nº 1-2, pp. 287-310.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1981) “Translation Theory Today: A Call for Transfer Theory”, in *Poetics Today*, nº 2, vol. 4, pp. 1-7.

- GARRIDO VILARIÑO, X. M. (2004) *Traducir a Literatura do Holocausto: Traducción/Paratraducción de “Se Quest é un uomo de Primo Levi”*. Tese de Doutoramento. Vigo: Universidade de Vigo.
- GARRIDO VILARIÑO, X. M. (2010) “Tradução e Paratradução da Literatura da Shoah na Lusofonia” VI Congresso Nacional Associação Portuguesa de Literatura Comparada / X Colóquio de Outono Comemorativo das Vanguardas. Braga: Universidade do Minho.
- GARRIDO VILARIÑO, X. M. (2011) “The paratranslation of the works of Primo Levi” in Federico M. Federici (ed.) *Translating Dialects and Languages of Minorities*. Berna: Peter Lang, pp. 65-88.
- GENTZLER, E. (1993) *Contemporary Translation Theories*. London/New York: Routledge.
- GENTZLER, E. (1996) “Translation, Counter-Culture, and *The Fifties* in the USA”, in Álvarez, R. e Vidal, C. (eds.) (1996) *Translation, Power, Subversion*. Clevedon/Philadelphia/Adelaide: Multilingual Matters Ltd, pp. 116-139.
- HERMANS, T. (1999) *Translation in Systems. Descriptive and Systemic Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome.
- HOLMES, James S. (1972/1994) “The Name and Nature of Translation Studies”, in Holmes, James S., (1994) *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, pp.67-80.
- JAKOBSON, Roman (1959) “On Linguistic Aspects of Translation” in Venuti, L. (ed.) (2000) *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, pp. 113-118.
- LAMAS, Estela Pinto Ribeiro (et al). (2000) *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*. Porto: Porto Editora.
- RABADÁN, Rosa (1991) *Equivalencia y traducción. Problemática de la equivalencia transléctica inglés-español*. Léon: Universidade de Léon.
- REISS, Katharina e Vermeer, Hans J. (1984) *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- ROBINSON, D. (1997) *Translation and Empire, Postcolonial Theories Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- SANTOYO, J.C. (1987) *Teoría y Crítica de la Traducción: Antología*. Barcelona: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona Bellaterra.

SNELL-HORNBY, Mary (2006) *The Turns of Translation Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

TOURY, Gideon (1995/2012) *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Benjamins Translation Library, vol. 4, Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins Publishing.

VENUTI, Lawrence (ed.) (2000) *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge.

YUSTE FRÍAS, J. (2010) “Au seuil de la traduction : la paratraduction”, in Naaijken, T. (ed.) (2010) *Event or Incident. Événement ou Incident. On the Role of Translation in the Dynamics of Cultural Exchange. Du rôle des traductions dans les processus d'échanges culturels*. Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, col. Genèses de Textes-Textgenesen (Françoise Lartillot [dir.]), vol. 3, p. 2